

DIÁRIO DE BORDO

CONTRADIÇÕES E SIGLAS

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

RECENTES ESTUDOS mostram que, em 2025, cerca de 2,3 bilhões de adultos estarão acima do peso normal e 700 milhões deles serão obesos no mundo todo. Tais estudos declaram, ainda, que o número de obesos triplicou desde 1975. Por fim, dizem que, atualmente, já existiriam 39 milhões de crianças com menos de cinco anos com sobrepeso.

Por outro lado, dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês) indicam que, em 2020, cerca 811 milhões de pessoas no mundo todo estavam subalimentadas.

A FAO afirma, também, que a produção mundial de alimentos foi de 5,5 bilhões de toneladas em 2019, sendo que 17% podem ter sido perdidos ou desperdiçados, o que equivale a 935 milhões de toneladas de alimentos.

Se esse desperdício pudesse ser aproveitado pelos 811 milhões de subnutridos, haveria cerca de 1,1 tonelada/ano/pessoa, ou 3 quilos diários de comida para cada um… Para se ter uma ideia do que esse volume representa, ele precisaria ser carregado em 23 milhões de caminhões com 40 toneladas cada um. E, se todos estes formassem uma fila, ela daria sete vezes a volta na Terra!

A contradição contida nesse quadro é assustadora: 2,3 bilhões de pessoas acima do peso em 2025 e 811 milhões de famintos já, total que resulta num número que pode passar muito de 3,0 bilhões de pessoas, ou 40% da população mundial, se não forem tomadas ações objetivas para evitá-lo.

Na América Latina e no Caribe, uma dieta energética mínima custaria, hoje, US$ 1,06 por dia, o que é 34% acima da média do custo mundial. Em outras palavras, é mais caro ficar vivo aqui do que no resto do mundo.

No Brasil, existiriam, hoje, 20 milhões de obesos, quase 10% da população do País, com o percentual tendo aumentado 67% em treze anos. Mas há muita gente passando necessidade porque perdeu o emprego e a renda. Afinal, são 14 milhões de brasileiros sem emprego formal. E algumas estatísticas mostram que as perdas e os desperdícios de alimentos, especialmente hortifrútis, podem chegar perto de 15%.

Ademais, tivemos uma grande safra agrícola de grãos, que só não foi recorde por causa de uma dura seca que afetou boa parte das regiões produtoras, provocando uma quebra de mais de 20 milhões de toneladas de milho 2ª safra, além de derrubar duramente as safras de cana, café, frutas, verduras e pastagens.

A explosiva demanda mundial por alimentos determinada pela pandemia – e pela ressurreição do tema 'segurança alimentar' – elevou os preços das *commodities* agrícolas em dólar, que, em alguns casos, dobraram. O dólar valorizado frente ao real estimulou as exportações, atendendo uma 'lei irrevogável' que é conhecida como "lei da oferta e da procura", que, por sua vez, marca o comércio global. Portanto, com a pandemia, cresceu globalmente a demanda; com a seca e a geada mais recente, caiu a nossa produção, que tem expressão no comércio mundial. Resultado: inflação interna nos preços dos alimentos.

O problema brasileiro deve ser resolvido com a nova safra que começa a ser colhida em janeiro próximo, embora os custos dos insumos também tenham dobrado em dólar – ruim para os produtores; melhor para os consumidores.

Mas, em nível global, o problema é muito maior, demandando soluções urgentes por parte das organizações multilaterais. Instituições como a Organização das Nações Unidas (ONU), a FAO, a Organização Mundial do Comércio (OMC), a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla em inglês) e outras precisam juntar-se em busca de soluções factíveis, e não apenas de discursos. ■

Se o alimento desperdiçado no mundo pudesse ser aproveitado pelos 811 milhões de pessoas subnutridas, haveria cerca de 1,1 tonelada/ano/pessoa, ou 3 quilos diários de comida para cada uma.